

Quartos das crianças contemporâneas: a construção de um novo objeto de pesquisa^{1,2}

Bedrooms of contemporary children: the construction of a new object of research

Cibele Noronha de Carvalho ^①

^① Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil.
<http://orcid.org/0000-0002-9987-7106>, cibbelecarvalho@gmail.com.

Resumo:

O artigo busca descrever como a mudança dos espaços reservados às crianças na arquitetura residencial suscitou um novo objeto de estudo que vem sendo denominado de “cultura do quarto”. Se o objeto empírico é novo nos estudos da infância, as questões teóricas frequentemente são desdobramentos de diversas vertentes da cultura material. Assim, o artigo elegeu três problemáticas centrais: o conceito de cultura material da infância, o uso da noção de espaço nas pesquisas acadêmicas e, por fim, a relação entre sujeitos (no caso, crianças) e objetos.

Palavras-chave: arquitetura, cultura material, quartos de criança

Abstract:

This article seeks to describe how the change of the spaces reserved for children in the residential architecture has generated a new object of study that has been named as bedroom culture. If the empirical object is new in the childhood studies field, the theoretical issues are frequently the deployment of diverse aspects of the material culture. Therefore, this paper has elected three main issues: the concept of material culture of childhood, the use of the notion of space in academic research, and, finally, the relationship between subjects (children in this case) and objects.

Keywords: architecture, children's bedroom, material culture

¹ Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

² Normalização, preparação e revisão textual: Douglas Mattos (Tikinet) – revisao@tikinet.com.br.

Introdução

Conta Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2005), em sua obra sobre as influências e experiências que conduziram Gilberto Freyre à escrita da obra *Casa Grande Senzala* em 1933, que o autor teria confidenciado a Manuel Bandeira, através de carta escrita em 1929, o projeto de escrever sobre a infância no Brasil de forma similar à que o ensaísta e crítico de arte oxfordiano Walter Pater havia escrito em *The child in the house* (1878). Embora Gilberto Freyre tenha abandonado a ideia de uma análise geracional, o texto de Pater teria sido inspirador da centralidade da “casa” como categoria analítica na obra de Freyre.

No conto de Pater, marcado por traços autobiográficos, o personagem Florian Deleal ajuda um senhor de idade a carregar suas malas e, na conversa que se segue entre os dois, descobre que são conterrâneos. Na mesma noite, ele sonha com a casa de sua infância de forma detalhada e fidedigna. Acordado, ele passa então a buscar compreender como seus pensamentos se fizeram naquela casa e seu mobiliário, ou seja, como a materialidade que cerca a infância contribuiu para que ele tenha se tornado ele mesmo. Se a influência das coisas sensíveis nos parece insignificante durante a infância, prossegue o narrador do conto, descobriremos mais tarde que ela nos afeta de forma indelével: “as realidades, as paixões e os rumores do mundo exterior chegam até nós por uma pequena passagem particular, através das paredes dos hábitos que nos cercam” (Pater, 1878, p. 12, tradução nossa)³.

Essa passagem inspirou Gilberto Freyre a conferir centralidade à cultura material e, mais especificamente, à arquitetura residencial, tendo por pressuposto a ideia de que os espaços e os objetos contribuem na articulação de sentidos e na configuração da vida das pessoas. Embora o autor tenha confidenciado a Manuel Bandeira a sua intenção de escrever sobre a meninice, como Freyre se referia à infância (Pallares-Burke, 2005), em sua obra as relações entre as crianças e os espaços domésticos somente aparecem de forma marginal.

Pouco se sabe sobre o surgimento dos quartos infantis na arquitetura brasileira⁴, mas podemos supor que, tendo Gilberto Freyre tanto interesse pela infância e pela arquitetura, uma

³ “The realities and passions, the rumours of the greater world without, steal in upon us, each by its own special little passage-way, through the wall of custom about us”.

⁴ Entre 2014 e 2017, realizei buscas no Scielo, Google Acadêmico e na plataforma de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) utilizando os termos criança/infância; arquitetura e história. Os resultados encontrados, que serão apresentados ao longo deste artigo, apontam para a história da arquitetura escolar, mas não para a história dos espaços infantis na arquitetura doméstica. Também a pesquisa

das razões da pouca atenção dada aos espaços domésticos das crianças talvez seja histórica. Descrições da casa brasileira realizadas por viajantes europeus que estiveram no país entre os séculos XVIII e XIX⁵ nos levam a crer que, do período colonial até o século XIX, a arquitetura residencial raramente discriminava um espaço específico para as crianças. Apesar da visão etnocêntrica e, por vezes, mesmo preconceituosa, esses relatos são considerados importantes fontes de estudo sobre os espaços domésticos e as crianças (Leite, 1997).

Em 1868, Oscar Canstatt veio da Alemanha para o Brasil, onde trabalhou na Comissão Imperial de Agricultura. Seus relatos descrevem as viagens realizadas por ele na região de São Leopoldo, no sul do Brasil. Sobre sua hospedagem em um casebre no alto da serra do mar, longe de toda “cultura humana”, Oscar Canstatt (2002) relata:

Alcansei sem incidentes, mas por caminhos impossíveis e na escuridão da noite, a cabana do colono avisado de minha vinda. Ele não estava em casa, mas sua cara metade me recebeu muito amavelmente e um rebanho de garotos roncava em todos os tons, nos diversos cantos da cabana de madeira. ... Depois de uma merenda forçada, deitei-me confortado na larga cama, num compartimento de tabique que abafava o concerto da garotada que roncava e, sem esperar a volta do correto dono, mergulhei no sono dos justos. ... Vi, então, tudo claro; aquela boa gente, na falta de uma cama para hóspedes, tinha-me preparado um lugar no leito do casal, e, depois de eu ter adormecido, ambos deitaram-se calmamente à minha esquerda e à minha direita. Aquietei-me e à pobre dona da casa, e dormimos depois os três, dessa maneira, aliás extraordinariamente incomum, até pela manhã (p. 430).

Pouco mais de duas décadas depois, o inglês Robert Edwart Edgecumbe conta (Edgecumbe citado por Leite, 1997):

Os pais brasileiros vivem com as crianças ao redor e as estragam a mais não poder. Uma criança brasileira é pior que um mosquito tonto. As casas brasileiras não têm quarto para elas e, como se considera cruel pôr as queridinhas na cama durante o dia, tem-se o prazer de sua companhia sem intervalos (p. 37).

Apesar dos relatos de Edgecumbe e de Oscar Canstatt sugerirem a ausência de quartos de criança na casa brasileira, cartas do engenheiro francês Louis Vauthier (1943) apontam para a existência deles em algumas casas mais abastadas. Importante documento sobre a arquitetura residencial pernambucana do início do século XIX, as cartas de Louis Vauthier (1943) trazem

bibliográfica realizada no setor de pesquisa do Museu da Casa Brasileira apontou para a quase inexistência de trabalhos sobre a história dos quartos de crianças, sendo o trabalho de Dantas (2012) uma exceção.

⁵ Agradeço especialmente ao Museu da Casa Brasileira pelo auxílio na pesquisa em seu acervo, realizada em agosto de 2016.

descrições e plantas de casas urbanas e rurais. Descrevendo uma casa-grande, ele afirma que, em geral, o primeiro andar era reservado à sala de visita, aos quartos de hóspedes e aos salões de baile, sendo, portanto, um espaço bastante frequentado pelas visitas. O acesso ao segundo pavimento, por sua vez, era dado apenas às visitas mais íntimas. Assim, os andares mais altos da casa preservavam a intimidade da família e, sobretudo, resguardavam as mulheres e crianças. A Figura 1 traz a planta de uma casa-grande com a discriminação de um quarto de crianças no terceiro andar.

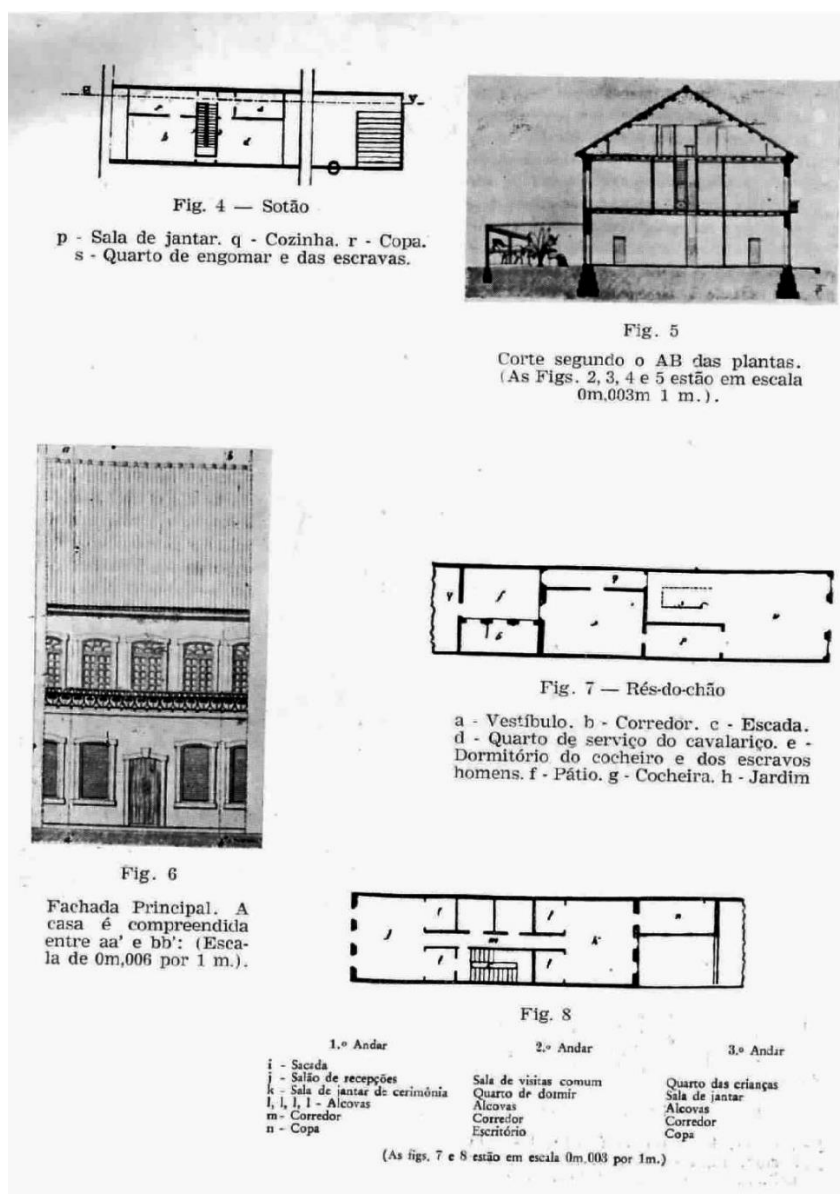


Figura 1 – Plantas de uma casa pernambucana do século XIX realizada por Vauthier

Fonte: Louis Vauthier (1943)

Embora nos faltem pesquisas mais sistemáticas sobre o tema, os relatos acima levam a crer que, até o século XVIII, reservar um quarto para os filhos talvez fosse uma prática frequente, embora não obrigatória, das classes superiores. O mesmo parece ter acontecido na Europa, onde os arquitetos só passaram a incluir as crianças nas plantas arquitetônicas a partir do século XIX (Donzelot, 1986; Eleb-Vidal & Debarre, 1995; Elias 2010; Perrot, 2010).

Assim, a investigação sobre a história dos quartos das crianças precisa levar em conta também as diferentes configurações dos espaços domésticos em diferentes camadas sociais. No contexto brasileiro, teria o quarto infantil surgido nas classes mais abastadas e sido transmitido às classes mais baixas juntamente com as práticas e os valores civilizatórios? Ou o movimento teria se dado de forma inversa, como no caso da cidade de Paris, onde os quartos surgiram primeiramente nas plantas das habitações populares projetadas por arquitetos higienistas imbuídos do papel educativo do Estado, e só depois nas casas mais ricas (Eleb-Vidal & Debarre, 1995)?

Se pouco sabemos sobre a história dos quartos infantis no Brasil, não resta dúvida de que esse cômodo é considerado indispensável nas moradias urbanas contemporâneas, embora não o seja em outros tempos históricos, como demonstramos anteriormente, e também em outras culturas (ver Reimão, Souza, & Gaudio, 1999, Reimão, Souza, Medeiros, & Almirão 1998, Reimão et al., 1999). Sua emergência tem sido considerada como decorrente da especialização dos ambientes domésticos (Dibie, 1988), assim como do surgimento de um tipo de sensibilidade diferente em relação às crianças (Elias, 2010). Por sua vez, sua crescente importância nos últimos 60 anos deve-se ao fato de que o principal lugar de lazer das crianças burguesas das grandes cidades foi deslocado dos espaços públicos para os familiares, e daí para os espaços individualizados (Buckingham, 2007), que contam agora com a possibilidade de entretenimento oferecida pelas tecnologias de informação e comunicação (Crubellier, 1979; Frith, 1978; Glevarec, 2010; Livingstone, 2002; Livingstone & Helsper, 2007; Opie & Opie, 1969). Ademais, a crescente importância dos quartos é decorrente de uma individualização que permitiu a cada pessoa, inclusive aos filhos, ter a sua privacidade também dentro da família (Singly, 2006). Acompanhada por maior autonomização cultural da infância, a essa nova forma de pensar, sentir e viver a infância no espaço doméstico tem-se dado o nome de “cultura do quarto” (Glevarec, 2010).

Sendo um novo objeto de estudo, a cultura do quarto se insere em um quadro epistemológico cada vez mais inclinado à análise dos espaços e dos objetos. Se esse objeto empírico é novo, as teorias e metodologias que vêm sendo empregadas nas pesquisas sobre a cultura do quarto não são tão novas assim, mas desdobramentos dos estudos da cultura material.

A cultura material da infância: conceitos básicos

A ideia de cultura material de uma forma ampla, ou seja, não estritamente ligada à cultura material da infância, emerge mais claramente da tradição marxista, através do decreto de Lênin que cria, em 1919, a Academia da Cultura Material da URSS. Se ligada inicialmente ao materialismo histórico, essa abordagem é posteriormente influenciada pela arqueologia e pela sociologia, principalmente a partir da proposta de Marcel Mauss de pensar o corpo como o primeiro instrumento a ser dominado e como balizador da experiência humana no mundo (Manson & Renonciat, 2012; Rede, 2003).

O estudo da cultura material teve também sua expressão na história das mentalidades, em trabalhos que buscaram compreender a circulação de certos objetos como os livros (Chartier, 2011), o vestuário (Roche, 2000) ou a alimentação (Montanari & Flandrin, 1998). No que diz respeito aos estudos da infância propriamente dita, participa desse contexto de utilização da cultura material pela história das mentalidades o estudo pioneiro de Philippe Ariès (1981), que conferiu alguma importância aos objetos, embora ainda de forma acessória e pouco analítica.

A materialidade da cultura da infância já havia também sido tomada como objeto de estudo por folcloristas internacionais, mas também brasileiros⁶, que trabalharam na catalogação de brinquedos desde a passagem do século XIX até a primeira metade do século XX. No entanto, esses trabalhos tiveram por limite a pouca elaboração teórica e a descontextualização histórica e social desses artefatos culturais.

A emergência e centralidade da noção de cultura material da infância são consideradas frutos de uma tradição anglo-saxônica, tendo como marco o trabalho *Children in the house: the material culture of early childhood 1600-1900*, de Calvert (1992). Nessa pesquisa, Calvert mostra

⁶ Dentre os folcloristas brasileiros que se dedicaram a catalogar os brinquedos das crianças brasileiras, vale sublinhar a importância do trabalho de Câmara Cascudo (1947) e Veríssimo de Melo (s/d).

como o universo dos objetos produzidos pelos adultos estruturam os tempos e os espaços, definindo estágios de desenvolvimento⁷, mas também contribuindo para configurar a infância segundo o imaginário de uma sociedade.

Com objetivo bem diferente, outro trabalho de reconhecida importância para a cultura material da infância é o de Sofaer e Derevenski (2000) intitulado *Children and material culture*, uma espécie de estado da arte das pesquisas no campo da arqueologia que se dedicaram à infância na Pré-História, na Antiguidade e na Idade Média.

Recentemente, novos objetos, metodologias e conceituações buscam compreender esse circuito de sentidos dos objetos a partir das condições de produção e de recepção. Tem-se buscado pensar a criança, os objetos e espaços produzidos por ela ou para ela de forma dialética e no interior de relações, situadas socialmente. Alguns autores têm sugerido a utilização da expressão “materialidades da cultura da infância”, no lugar de “cultura material da infância”, já amplamente utilizado por diferentes correntes teóricas (Manson & Renonciat, 2012). Essa alteração teria por objetivo ressaltar a ideia de que nem toda cultura da infância é material, sendo a materialidade uma parte dessa cultura. Por outro lado, essa parte da cultura que se expressa nos objetos e espaços construídos não está apartada do simbólico. É nesse sentido que Sarmento dirige sua crítica à distinção excessivamente estanque de Corsaro entre cultura simbólica da infância, constituída pelas mídias e literatura, e cultura material da infância, constituída pelo vestuário, os brinquedos e os móveis. Para Sarmento (2003), trata-se antes de compreender que pode haver uma materialidade no simbólico, assim como há uma dimensão simbólica na materialidade.

O espaço nas pesquisas: metáfora ou categoria analítica?

Além da discussão a respeito do conceito de cultura material, uma segunda questão pode ser retomada, qual seja, os usos da noção de espaço em diversas teorias da cultura material.

Assim, nos trabalhos do antropólogo Daniel Miller (2001), a casa não é tomada simplesmente como modelo explicativo, como em algumas leituras da obra bourdiesiana. Ao contrário, ela é tomada como uma categoria analítica.

⁷ Calvert considera estágio de desenvolvimento os momentos ou marcos considerados ideais para que a criança realize ou deixe de realizar atividades como mamar, andar, nadar, subir escadas ou comer sozinha com talheres. Para a autora, essas habilidades e os tempos de aquisição, que configuram estágios de desenvolvimento, são estruturados com a participação dos espaços e dos objetos.

Vale dizer que, recentemente, mesmo a ideia de que o espaço na obra de Bourdieu teria mera função de metáfora vem sendo discutida. Nikolas Fogle, na obra *The spacial logic of social struggle* (2011), reúne e analisa algumas ideias sobre o tema dispersas por toda a obra do autor. Fogle afirma que a importância dada ao espaço na obra bourdieusiana nos permite pensá-la como uma sociologia topológica. Ele demonstra também como nela o espaço não se reduz a um modelo de explicação do social (como bem exemplificam as ideias de classe alta e classe baixa), podendo ser mesmo considerado uma importante categoria. Para sustentar essa proposição, ele reúne e problematiza diversas passagens sobre o espaço na obra de Bourdieu, demonstrando que a análise espacial está presente em vários trabalhos do sociólogo francês, e não somente em seu célebre trabalho sobre as casas cabílias.

A casa é também uma ideia bastante operante na sociologia brasileira, seja nos trabalhos de Gilberto Freyre, como mencionado, seja na obra de Roberto DaMatta, para quem

as casas não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (1997, p. 8).

O autor assinala que, embora a casa seja importante na tradição brasileira, com grande incidência na história social, ela é comumente tomada como palco do verdadeiro ator social que é a família, não sendo reconhecida sua centralidade. Para essa constatação, DaMatta oferece uma outra saída, diferente da saída de Miller. Ele busca compreendê-la como metáfora, e não como espaço físico, o que lhe permite afirmar que, na sociedade brasileira, as relações públicas se dão de forma familiar, como se a rua fosse uma extensão da casa, assim como um quarto pode ser compreendido como a casa de um indivíduo dentro da família.

Nessa direção, ou seja, tomando a casa como metáfora, na dissertação intitulada *A casa dentro da casa: o sentido do quarto para o adolescente na contemporaneidade*, a psicóloga Marilza Friche (2016), utilizando o conceito de cultura do quarto (Glevarec, 2010), busca compreender os modos de vida dos adolescentes contemporâneos e seus processos de subjetivação, investigando os significados atribuídos por eles a esses cômodos.

A relação entre sujeitos e objetos

Outra questão que tem sido colocada, mais antiga e já bastante desenvolvida nos estudos da cultura material, diz respeito à relação entre o sujeito e os objetos. A respeito dessa temática, podemos reconhecer e diferenciar duas posições. Na perspectiva marxista, que é bastante presente nos trabalhos que analisam os impactos da publicidade nas crianças, a relação entre os indivíduos e os objetos se dá de forma que estes últimos oprimiriam a criança (alienada ou reificada). Compartilhada pela escola de Frankfurt e por Baudrillard (2009), o conceito de alienação tornou-se central nesse debate. Trata-se do processo pelo qual, nas sociedades industrializadas, cuja produção se dá em larga escala, o objeto é despersonalizado e reduzido à condição de mera mercadoria.

Numa segunda abordagem, representada por Daniel Miller (2001), essa relação entre sujeito e objeto é entendida como uma mão dupla. Influenciado pela fenomenologia de Hegel e também pela teoria da prática de Bourdieu, Miller tem se dedicado a pesquisar a cultura material no ambiente doméstico, compreendendo a casa de forma dialética, ou seja, como um espaço condicionante, mas também condicionado. No caminho aberto pelo trabalho de Bruno Latour (2005), Miller afirma que, na relação cotidiana com a materialidade das coisas, somos submetidos ao agenciamento dos objetos, embora isso quase sempre nos passe despercebidamente. Na condição de modernos, estamos convictos de que somos sujeitos em pleno controle dos objetos, mas não é bem assim. Para usar um exemplo anedótico do filósofo Graham Harman (2010), uma pequena semente pode destruir um império, se o imperador com ela se engasgar. Assim, a constatação da ação dos objetos sobre nós parece ser consequência do reconhecimento dos limites da ambição moderna de separar natureza e cultura, humanos e não humanos (Kimmich, 2011).

Analisando a arquitetura sob esse prisma, Miller começa por distingui-la do vestuário. Enquanto esse último suscita questões sobre a superficialidade, a casa pressupõe relações de poder mais fortes, muitas vezes ligadas à “guerra dos lugares” empreendida pelo mercado imobiliário (Rolnik, 2015). Esse jogo de forças não permanece somente no domínio público, mas atravessa a soleira da porta, condicionando a forma como as pessoas vivem, localizando os moradores socialmente, determinando como eles se distribuem pelos cômodos e que sentidos dão para esse espaço.

Em 1979, a revista *Architecture d'aujourd'hui* dedicou um volume aos espaços de criança do qual faz parte um relato de Marie Jaoul (1979) sobre suas memórias de infância na Maison Jaoul⁸, célebre casa projetada por Corbusier na fase brutalista. No artigo, Marie conta que seus amigos de escola lhe perguntavam se ela era pobre, já que morava em uma fábrica com concreto e tijolos expostos. Ela relata ainda como os espaços integrados propostos pelo arquiteto lhe causaram profundo desagrado porque, após a mudança da família, pais e filhos passaram a viver excessivamente “entre si”. Descreve ainda a escassez de luz natural, a mãe sempre nervosa e sua decepção de criança ao perceber que ali não havia esconderijos secretos. Todos eram desconfortavelmente supervisionados naquela casa onde tudo se comunicava. Marie se lembra de que queria colar seus desenhos na parede azul, mas era interdita pelos adultos que lhe diziam ser desnecessário: a parede azul era ela mesmo o quadro. Para a criança, aquela casa era muito bela e triste, como um museu. Com a construção e o mobiliário sob a intransigente supervisão de Corbusier, cada coisa (e até mesmo cada pessoa) tinha seu lugar designado desde o projeto. “Nós éramos como estátuas”, conclui, “era a casa que ditava a lei” (Jaoul, 1979, p. 86, tradução nossa). O relato de Marie Jaoul é um bom exemplo da ideia de Miller de que as casas intervêm na forma de viver de seus moradores, isso que ele denomina de “agenciamento das coisas”.



Figura 2 – Maison Jaoul (Foto de Cemal Emden)

Fonte: “Le Corbusier” (2017)

⁸ As casas Jaoul, localizadas no subúrbio de Paris, são duas construções de Corbusier para André Jaoul e seu filho Michel Jaoul, avô e pai de Marie Jaoul. Com projeto concluído em 1951, as casas foram construídas entre 1954 e 1955.

A ideia de agência dos objetos em Miller não nos permite pensar que estamos absolutamente submetidos às casas como mercadoria ou completamente alienados pelos objetos que cercaram nossa infância. Miller compreende a casa como uma *home possession* (Miller, 2001), isto é, ao mesmo tempo mercadoria e espaço de armazenamento de mercadorias. De alto custo e estando submetida a fortes relações de poder, ela é o “elefante das coisas”. Por tudo isso, o processo de apropriação de uma casa, que Miller chama acomodação, não é simples, mas sempre condicionado por uma variedade de fatores que são externos à relação entre o morador e a moradia. Em última instância, o que interessa a Miller é compreender como as pessoas singularizam as experiências com os espaços e os objetos quando estes são padronizados, tornados mercadoria ou impostos pelo Estado. Se o foco não é a despersonalização ou o esvaziamento do objeto de toda sua carga pessoal provocados pela mercadização, assim como em Marx, tampouco haveria aqui uma “aporia da causalidade”, ou uma espécie de determinismo que poderia ser lido na homologia das estruturas bourdieianas⁹. Ao contrário, o trabalho consiste em, a partir de pesquisas empíricas sobre as formas de acomodação dos moradores em habitações populares padronizadas e construídas pelo Estado, ou seja, despersonalizadas, por pressuposto, demonstrar formas possíveis de singularização e subjetivação.

A saída de Miller para o impasse entre sujeito e objeto, assim como a de outros antropólogos que têm retomado a cultura material, como Jean-Pierre Warnier (1999), seria não pensar em termos de um ator social e suas categorias (geração, gênero, classe social), como na sociologia, mas a partir da experiência singular do sujeito. Outros pesquisadores, antropólogos e sociólogos, não compartilham com esse movimento de abandono de uma perspectiva mais ampla, mas propõem observar a realidade social a partir do micro social.

No âmbito das pesquisas em educação no Brasil, essas e outras questões suscitadas pela cultura material vêm sendo discutidas, sobretudo no campo da história, mas circunscritas ao ambiente escolar: o prédio da escola (Funari & Zarankin, 2005), os uniformes (Dussel, 2005) ou o material didático. No entanto, pouco se tem estudado sobre a educação a partir dos espaços e objetos domésticos, ou seja, a relação entre a socialização na família (ou socialização primária) e a cultura material.

⁹ Aqui me refiro a determinadas leituras que criticam o objetivismo social crítico de Bourdieu, vendo nele uma exagerada ênfase na homologia das estruturas, ou seja, uma perfeita e total equivalência entre o *habitus* e as estruturas sociais, que teriam por efeito a idiotização dos sujeitos sociais (Ver Celikates, 2012).

O quarto de criança como objeto de estudo

Nessa direção, o quarto de dormir das crianças tem, ao mesmo tempo, retomado as abordagens da cultura material e suscitado novas questões teóricas, éticas e metodológicas. Se, já há algumas décadas, a História tem se dedicado a esse cômodo (Hall, 1987; King-Hall, 1958; Miall, 1980; Perrot, 2010, 2011; Renonciat, 2014; Robertson, 1974; White, 1984), os quartos de criança têm, muito recentemente, despertado também o interesse de pesquisadores de outras áreas (Brougère, 2014; Dinka, 2014; Gaspoz, 2014; Glevarec, 2010; Hachet, 2014; Krupicka & La Ville, 2014; Long, 2014; Mangeard-Bloch, 2014; Nal, 2014; Rollet & Pelage, 2014; Zaffran, 2014).

Destaca-se a realização de um colóquio multidisciplinar em Rouen, na França, no ano de 2013, denominado *La chambre d'enfant: un microcosme culturel*. Realizado pelo Musée National de l'Éducation/Centre National de Documentation Pédagogique, pelo laboratório Experice da Université Paris 13 e pelo Laboratório Cerege da Universidade de Poitiers, o colóquio foi realizado com o apoio da Agence Nationale de la Recherche a partir de um programa maior de pesquisa denominado *Les biens de l'enfant dans l'espace familial*.

Com amostra populacional diversificada e abordagem não comparativa, a maior parte dessas recentes pesquisas se propuseram a descrever as mudanças nas relações familiares através dos usos dos espaços (Alanen, 2001; Hachet, 2014; Long, 2014; Nal, 2014; Roucous & Dauphagne, 2015), enquanto outras se debruçam sobre representações contemporâneas dos quartos infantis (Bazin, 2014; Renonciat, 2014; Yemsi-Paillissé, 2014). Alguns poucos trabalhos analisam quartos pertencentes a grupos não hegemônicos, como portadores de necessidades especiais (Cammaréri, 2014), crianças intelectualmente precoces (Lignier, 2016) ou mesmo quartos de adolescentes em situação de itinerância geográfica (Gaspoz, 2014).

A construção da identidade de gênero é analisada no trabalho de Catherine Rollet e Agnès Pelage (2014) sobre como os pais preparam o quarto para os bebês que estão para nascer. A partir de dados quantitativos da pesquisa *Étude longitudinale française depuis l'enfance*, realizada com 18.500 famílias cujos filhos nasceram em 2011, as autoras empreenderam uma pesquisa qualitativa entrevistando e observando 18 famílias que tiveram o segundo filho entre 2011 e 2013. Os resultados mostram que a regra de separar irmãos de sexos diferentes, prescrita já há muitos séculos pela Igreja Católica (Perrot, 2010) e retomada em outros momentos históricos, está fortemente internalizada. É em razão dessa regra internalizada que os pais buscam descobrir

o sexo do bebê o mais cedo possível, o que lhes possibilita decorar o quarto com cores e figuras “de menino” ou “de menina”. Assim, as autoras mostram como a socialização, além de condicionada por questões de classe social, é genericada.

No Brasil, ainda são poucos os trabalhos que tomam o quarto de criança como objeto¹⁰. Na história da arquitetura, Thereza Dantas (2012) propõe investigar o lugar da criança no espaço doméstico a partir do estudo do mobiliário infantil da casa paulistana da década de 1950. Para isso, a autora utilizou textos e imagens retirados de revistas especializadas do período.

Mas é no campo da saúde que o quarto e os hábitos de sono das crianças têm sido mais frequentemente investigados na produção acadêmica brasileira. Essas pesquisas buscam, por exemplo, correlações entre equipamentos eletrônicos e a massa corporal das crianças (Ferrari, Araújo, Oliveira, Matsudo, & Fisberg, 2015) ou entre os hábitos de sono e as chances de morte súbita em bebês (Geib, Cataldo, Wainberg, & Nunes, 2003). Vale destacar, dentre os trabalhos do campo da saúde, aqueles organizados pelo médico Rubens Reimão que, em parceria com equipes interdisciplinares, estuda os hábitos de sono das crianças indígenas bororós da tribo indígena Meruri em reserva indígena do Mato Grosso (Reimão, Souza, & Gaudioso, 1999), das crianças terena, das tribos Tereré e Córrego do Meio, também no Mato Grosso (Reimão et al., 1998) e das crianças da comunidade negra rural formada por descendentes de escravos, que se instalaram em uma região de relativo isolamento geográfico em Furnas do Dionísio, Mato Grosso (Reimão et al., 1999). Esses trabalhos ressaltam que o lugar destinado às crianças nas moradias está fortemente relacionado a aspectos socioculturais: os resultados demonstram que, em algumas comunidades indígenas ou quilombolas, o *co-sleeping*¹¹ é o padrão entre crianças até 2 anos, é majoritário entre crianças entre 2 e 10 anos, e que dormir sozinho se torna um hábito apenas entre crianças maiores de 10 anos.

¹⁰ Em pesquisa no portal de teses e dissertações da Capes por descritores como “quarto(s) infantil(is)” e “quarto(s) de criança(s)”, não se encontrou nenhuma ocorrência. Em busca pelas palavras “arquitetura” e “criança” foram encontradas algumas pesquisas sobre arquitetura escolar. Em busca pelas palavras “arquitetura” e “infantil” foram encontradas: (i) uma pesquisa de doutorado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sobre a apropriação do espaço de um berçário realizada pelos educadores; (ii) uma pesquisa de mestrado da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (USP) intitulada *A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?* (Nascimento, 2009); (iii) uma pesquisa da Faculdade de Arquitetura da USP, no campo da Psicologia Ambiental, intitulada *Casa, um lugar de verdade: o estudo do espaço individual como um reflexo de quem o habita*. Em pesquisa no Scielo por “quarto” e “criança” ou “quarto infantil”, somente foram encontrados artigos da área da saúde.

¹¹ Prática em que os pais dividem com os filhos o quarto ou mesmo a cama.

Embora não tomem o quarto como objeto empírico, alguns trabalhos sobre a infância em contexto de acolhimento institucional abordam as formas pelas quais as crianças se apropriam desse espaço, frequentemente denominado nesse contexto de “dormitório”. A pesquisa *A infância institucionalizada: um outro modo de estar na “roda”*, de Antônio Feitosa e Leni Dornelles (2014), busca quais são as impressões sobre o abrigo das crianças que nele habitam. Para isso, os pesquisadores propuseram atividades em que elas deveriam, através de colagens e fotografias, expressar que espaço gostariam que o abrigo tivesse, assim como, dentre os espaços existentes, qual era o preferido. É como um dos espaços preferidos que algumas crianças fotografam o dormitório, sobretudo por se tratar, no ponto de vista delas, de um espaço mais organizado.

Por sua vez, a pesquisa de Roseli Nazário (2015), *Entre estar na casa e estar em casa: modos de ser criança em um contexto de acolhimento institucional*, descreve uma cultura institucional marcada pela impessoalidade que é verificável através da organização do espaço e da constatação da quase ausência de objetos que marquem a singularidade da criança: meu carrinho, meu tênis, minha cama.

São trabalhos que levam em conta a materialidade da cultura como suporte físico das práticas com crianças, mas que nem sempre dão centralidade a essa dimensão. Exceção feita à dissertação intitulada *A casa dentro da casa: o sentido do quarto para o adolescente na contemporaneidade*, de Friche (2016), já citada anteriormente.

Considerações finais

Se já existe uma quantidade considerável de pesquisas internacionais nessa linha, ao pensar nos quartos das crianças brasileiras é inevitável a observância da grande desigualdade no acesso à moradia e aos bens de consumo do país. Considerando as especificidades culturais dessa realidade, algumas questões podem ser levantadas para pesquisas futuras: diante da ausência de trabalhos no campo da história sobre os espaços de criança na arquitetura residencial brasileira, poderíamos nos perguntar onde dormiam as crianças em diferentes épocas. A ausência ou presença do quarto de dormir das crianças era variável de acordo com a classe social? Como eram esses quartos? Em relação aos discursos higienistas que circularam no Brasil no final do século XIX e início do XX, havia alguma prescrição explícita de separar crianças e

adultos na hora de dormir? Houve prescrições de reserva de um cômodo para as crianças na década de 1940, quando surgiu pela primeira vez uma política nacional de habitação popular no Brasil?

Pesquisas sobre a infância contemporânea podem ainda buscar compreender como as crianças das camadas populares se apropriam de dormitórios com densidade excessiva¹². Como as crianças se “acomodam”, para usar o conceito de Miller, nas moradias habitacionais populares, quando elas são padronizadas pelos programas governamentais? Ou, por fim, como as formas de habitar das classes superiores contribuem para a reprodução de capitais que garantem a posição social dos herdeiros? Como vivem as crianças em condomínios fechados?

A humildade das coisas é a forma como Daniel Miller (2001) chama a habilidade dos objetos de fazerem periféricos à nossa visão e ainda assim condicionarem nosso dia a dia. Acrescenta o autor que quanto mais invisíveis eles estão, maior capacidade têm de determinar nossas vidas. Vem daí também a relevância dos estudos da cultura material da infância como uma nova agenda de pesquisa.

Referências

- Alanen, L. (2001). Exploration in generational analysis. In L. Alanen, & B. Mayall (Eds.), *Conceptualizing child-adult relations* (pp. 11-23). London: Routledge Falmer.
- Ariès, P. (1981). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Baudrillard, J. (2009). *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva.
- Bazin, L. (2014). Chambre claire et camera obscura: identité sociale et espace mental dans le roman français contemporain pour adolescents. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Brougère, G. (2014). Design et adresse à l'enfant: une chambre protégée de la culture populaire. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Buckingham, D. (2007). *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola.

¹² O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística considera densidade excessiva como um fator de inadequação de moradias quando se contam mais de três moradores por dormitório.

- Calvert, K. L. F. (1992). *Children in the house: the material culture of early childhood, 1600-1900*. Lebanon: Northeastern University Press.
- Cammaréri, C. (2014). La chambre de l'autre enfant. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Canstatt, O. (2002). *Brasil: terra e gente, 1871*. Brasília, DF: Senado Federal.
- Cascudo, L. C. (1947, 15 de abril). Jogos e brinquedos do Brasil. *Correio da Noite*.
- Celikates, R. (2012). O não reconhecimento sistemático e a prática da crítica: Bourdieu, Boltanski e o papel da teoria crítica. *Novos Estudos CEBRAP*, (93), 29-42.
- Chartier, R. (2011). Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In J. C. C. Rocha (Org.), *Roger Chartier: a força das representações: história e ficção* (pp. 21-54). Chapecó: Argos.
- Crubellier, M. (1979). *L'enfance et la jeunesse dans la société française 1800-1950*. Malakoff: A. Colin.
- DaMatta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dantas, T. C. F. (2012). *O mobiliário infanto-juvenil da casa paulistana na década de 1950 e suas relações com o espaço físico da criança*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dibie, P. (1988). *O quarto de dormir: um estudo etnológico*. Rio de Janeiro: Editora Globo.
- Dinka, I. (2014). Does the children's room really belong to me? A discussion about independence of a child in the private space of a children's room. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Donzelot, J. (1986). *A polícia das famílias* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Dussel, I. (2005). Cuando las apariencias no engañan: una historia comparada de los uniformes escolares in Argentina y Estados Unidos. *Pro-posições*, 16(1), 65-86.
- Eleb-Vidal, M., & Debarre, A. (1995). *L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914*. Paris: Hazan.
- Elias, N. (2010). La civilisation des parents. In *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse* (pp. 81-112). Paris: La Découverte.

- Feitosa, A. G. S., & Dornelles, L. V. O. (2014). A infância institucionalizada: um outro modo de estar na “roda”. In *Anais do 4º Seminário Grupeci* (pp. 1-44). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Ferrari, G. L. M., Araújo, T. L., Oliveira, L. C., Matsudo, V., & Fisberg, M. (2015). Association between electronic equipment in the bedroom and sedentary lifestyle, physical activity, and body mass index of children. *Jornal de Pediatria*, 91(6), 574-582.
- Fogle, N. (2011). *The spatial logic of social struggle: a bourdieuan topology*. Lanham: Lexington Books.
- Friche, M. (2016). *A casa dentro da casa: o sentido do quarto para o adolescente na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte.
- Frith, S. (1978). *The sociology of rock*. London: Constable & Company Limited.
- Funari, P. P., & Zarankin, A. (2005). Cultura material escolar: o papel da arquitetura. *Pro-posições*, 16(1), 135-144.
- Gaspoz, D. G. (2014). Donner voix à l'espace physique: lorsque la chambre perpétue et écrit l'histoire de l'adolescent au travers d'objets significatifs: le cas des jeunes en itinérance géographique. *Strena: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Geib, L. T. C., Cataldo, A., Neto, Wainberg, R., & Nunes, M. L. (2003). Sono e envelhecimento. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(3), 453-465.
- Glevarec, H. (2010). *La culture de la chambre: préadolescence et culture contemporaine dans l'espace familial*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication.
- Hachet, B. (2014). La chambre des enfants en résidence alternée: un sanctuaire? *Strena: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Hall, C. (1987). Sweet home. In P. Ariès, & G. Duby (Dirs.), *Histoire de la vie privée: de la révolution à la Grande Guerre* (Vol. 4, pp. 53-89). Paris: Editions Seuil.
- Harman, G. (2010). *Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics*. Melbourne: Re.press.
- Jaoul, M. (1979). Les maisons de l'enfance. *Architecture D'aujourd'hui*, (204), 85-86.
- Kimmich, D. (2011). *Lebendige Dinge in der Moderne*. Paderborn: Konstanz University Press.
- King-Hall, M. (1958). *The story of the nursery*. Abingdon: Routledge & K. Paul.

- Krupicka, A., & La Ville, V.-I. (2014). Les catalogues de chambres d'enfants entre images et séries: analyse d'un corpus d'images publicitaires de fabricants de chambres pour enfants. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Le Corbusier: maison Jaoul*. (2017, 31 de janeiro). [Fotografias de Cemal Emden]. Divisare, Rome. Recuperado de <https://divisare.com/projects/344381-le-corbusier-cemal-emden-maisons-jaoul>
- Leite, M. (1997). A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. *História social da infância no Brasil*, 5, 19-52.
- Lignier, W. (2016). Des chambres intelligentes? Un regard sociologique sur l'espace personnel des enfants dits «intellectuellement précoces». In I. Danic, O. David, & S. Depeau (Eds.), *Enfants et jeunes dans les espaces du quotidien* (pp. 119-128). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Livingstone, S. (2002). *Young people and new media: childhood and the changing media environment*. Thousand Oaks: Sage.
- Livingstone, S., & Helsper, E. (2007). Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New media & society*, 9(4), 671-696.
- Long, S. (2014). Chambre d'enfant avec salon: appropriation des espaces domestiques entre adultes et enfants. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Mangeard-Bloch, N. (2014). « Je veux pas aller à l'école! Je veux rester dans ma chambre! » Du désordre de la chambre à l'ordre scolaire: regard sur la chambre de l'enfant à la veille de la rentrée dans les albums destinés aux plus jeunes. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Manson, M., & Renonciat, A. (2012). La culture matérielle de l'enfance: nouveaux territoires et problématiques. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (4).
- Melo, V. (s/d). *Folclore infantil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- Miall, A. (1980). *The Victorian nursery book*. New York: Pantheon Books.
- Miller, D. (2001). *Home possessions: material culture behind closed doors*. Oxford: Berg Publishers.

- Montanari, M., & Flandrin, J. L. (Dirs.). (1998). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Nal, E. (2014). La chambre d'enfant: un lieu de médiation(s), un espace d'invention(s). *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Nascimento, A. Z. S. (2009). *A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?* Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nazário, R. (2015). Entre estar na casa e estar em casa: modos de ser criança em um contexto de acolhimento institucional. In *Anais da 37ª Reunião da Anped* (pp. 1-15), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-3900.pdf>
- Opie, I. A., & Opie, P. (1969). *Children's games in street and playground: chasing, catching, seeking, hunting, racing, dueling, exerting, daring, guessing, acting, pretending*. Oxford: Oxford University Press.
- Pallares-Burke, M. L. G. (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp.
- Pater, W. (1878). *The child in the house*. New York: Dodd, Mead & Co.
- Perrot, M. (2010). La chambre d'enfant dans l'espace familial. *Journal Français de Psychiatrie*, (37), 25-28.
- Perrot, M. (2011). *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra.
- Rede, M. (2003). Estudos de cultura material: uma vertente francesa. *Anais do Museu Paulista*, 8(1), 281-291.
- Reimão, R., Souza, J. C. R. P., & Gaudioso, C. E. V. (1999). Sleep habits in native Brazilian Bororo children. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, 57(1), 14-17.
- Reimão, R., Souza, J. C. R. P., Gaudioso, C. E. V., Guerra, H. C., Alves, A. C., Oliveira, J. C. F., ... Silvério, D. C. G. (1999). Sleep characteristics in children in the isolated rural African-Brazilian descendant community of Furnas do Dionísio, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, 57(3-A), 556-560.
- Reimão, R., Souza, J. C. R. P., Medeiros, M., & Almirão, R. I. (1998). Sleep habits in native Brazilian Terena children in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, 56(4), 703-707.

- Renonciat, A. (2014). La chambre d'enfant: regards croisés. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Robertson, P. (1974). Home as a nest: middle class childhood in nineteenth-century Europe. In L. deMause (Ed.), *The history of childhood* (pp. 407-431). New York: The Psychohistory Press.
- Roche, D. (2000). *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rollet, C., & Pelage, A. (2014). Préparer une chambre pour l'enfant à venir, un enjeu de genre? *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Rolnik, R. (2015). *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo.
- Roucous, N., & Dauphragne, A. (2015). La chambre d'enfant: une construction partagée entre parents et enfants. *La revue internationale de l'éducation familiale*, (37), 87-113.
- Sarmiento, M. J. (2003). Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, (21), 51-69.
- Singly, F. (2006). Le sens de la chambre personnelle pendant la seconde modernité: le cas de l'adonnaissance. In P. M. Huynh (Dir.), *Habitat et vie urbaine, changements dans les modes de vie* (pp. 33-44). Paris: Puca.
- Sofaer, J. R., & Derevenski, J. S. (Eds.). (2000). *Children and material culture*. Abingdon: Psychology Press.
- Vauthier, L. L. (1943). Casas de residência no Brasil. *Revista do Iphan*, (7), 131-132. Recuperado de <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RevIPHAN&PagFis=7146>
- Warnier, J.-P. (1999). *Construire la culture matérielle: l'homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France.
- White, C. (1984). *The world of the nursery*. New York: Herbert Press.
- Yemsi-Paillissé, A. C. (2014). La chambre du fils, microcosme dramatique: la culture matérielle dans la pièce de théâtre contemporaine *La chambre de l'enfant*, de Josep Maria Benet i Jornet. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).

Zaffran, J. (2014). La chambre des adolescent(e)s: espace intermédiaire et temps transitionnel. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).

Referências consultadas

- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus Editora.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.
- Bryson, B. (2011). *Em casa: uma breve história da vida doméstica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cohen, G., & Rampnoux, O. (2014). Processus d'achat et discours de marque: le cas du lit de bébé. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Cook, D. T. (2011). Embracing ambiguity in the historiography of children's dress. *Textile History*, 42(1), 7-21.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. São Paulo: Penso Editora.
- Garnier, P. (1995). *Ce dont les enfants sont capables: marcher xviiiè, travailler xixè, nager xxè*. Paris: Métailié.
- Garnier, P. (2012). La culture matérielle enfantine: catégorisation et performativité des objets. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (4).
- Gouyon, M. (2006). Une chambre à soi: un atout dans la scolarité? In Institut National de la Statistique et des Etudes Economiques, *Données sociales* (pp. 163-167). Paris: Insee.
- Huerre, P. (2006). L'enfant et les cabanes. *Enfances & Psy*, (33), 20-26.
- James, A. (2000). Embodied being(s): understanding the self and the body in childhood. In A. Prout (Ed.), *The body, childhood and society* (pp. 19-37). London: Martin Press.
- La Ville, V.-I., & Tartas, V. (2005). L'activité de consommation enfantine et ses médiateurs. In La Ville, V.-I. (Coord.), *L'enfant consommateur: variations interdisciplinaires sur l'enfant et le marché* (pp. 73-88). Paris: Vuibert.
- La Ville, V.-I., Cristau, C., & Krupicka, A. (2012). Rendre l'utilisateur actif dans le processus de conception de mobilier pour enfant. *Strenæ: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (4).

- Leichter, H. J. (1978). Families and communities as educators: some concepts of relationship. *Teachers College Record*, 79(4), 567-658.
- Pinçon, M, & Pinçon-Charlot, M. (2016). *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris: La Découverte.
- Ramos, A. C. (2013). Morando com meus avós: as famílias conviventes na perspectiva das crianças. *Pedagogía y Saberes*, (37), 119-131.
- Sarmento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In M. J. Sarmento, & A. B. Cerisara, *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação* (pp. 9-34). Porto: Asa.
- Sirota, R. (2010). Allers-retours sur carnets de terrain: le métier de sociologue en famille. L'observation d'un rite de socialisation. In B. Tillard, & M. Robin, *Enquêtes au domicile des familles: la recherche dans l'espace privé* (pp. 119-141). Paris: L'Harmattan.
- Steinberg, S., & Kincheloe, J. L. (Orgs.). (2004). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- van Leeuwen, L., & Margetts, M. (2014). My space is everywhere. *Strena: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (7).
- Vaz-Romero Trueba, O. (2012). Métamorphoses de la chambre d'enfant dans l'imaginaire des artistes espagnols (1775-1936). *Strena: recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, (4).

Submetido à avaliação em 06 de novembro de 2017; revisado em 04 de agosto de 2018; aceito para publicação em 09 de outubro de 2018.